



O Gaiato

14 DE SETEMBRO DE 1974

Ano XXXI — N.º 796 — Preço 2\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Malanje

Morreu o velho Marques das lagoas do Loquembo. Branco bom. Trazia sempre nos olhos a calma e a limpidez dos lagos tranquilos. Lá tinha a sua pescaria e o seu estabelecimento modesto.

Não roubou. Não fez fortuna. Não construiu prédios em Lisboa.

Encontrei-o um dia cor. dois meninos pretos pela mão.

— Então?

— São meus filhos. Ficaram sem pai ainda pequeninos e eu e minha mulher levámos para casa e são nossos.

Veio ontem a viúva com o mais velhinho para ficar em nossa Casa. E ficou.

Comoveu-me a maneira como a boa senhora o estreitou ao coração e o beijou na despedida.

Tão fácil vivermos em paz se puséssemos o amor no lugar do egoísmo e da ambição!!!

Este o caminho que nos desviaria do negro cais da 25.ª hora e nos conduziria aos canieiros de flores do quintal da nossa Casa.

Não haverá caminhos para a emancipação e independência que não sejam os do ódio e sangue?

A violência atinge os inocentes e quase só a eles!

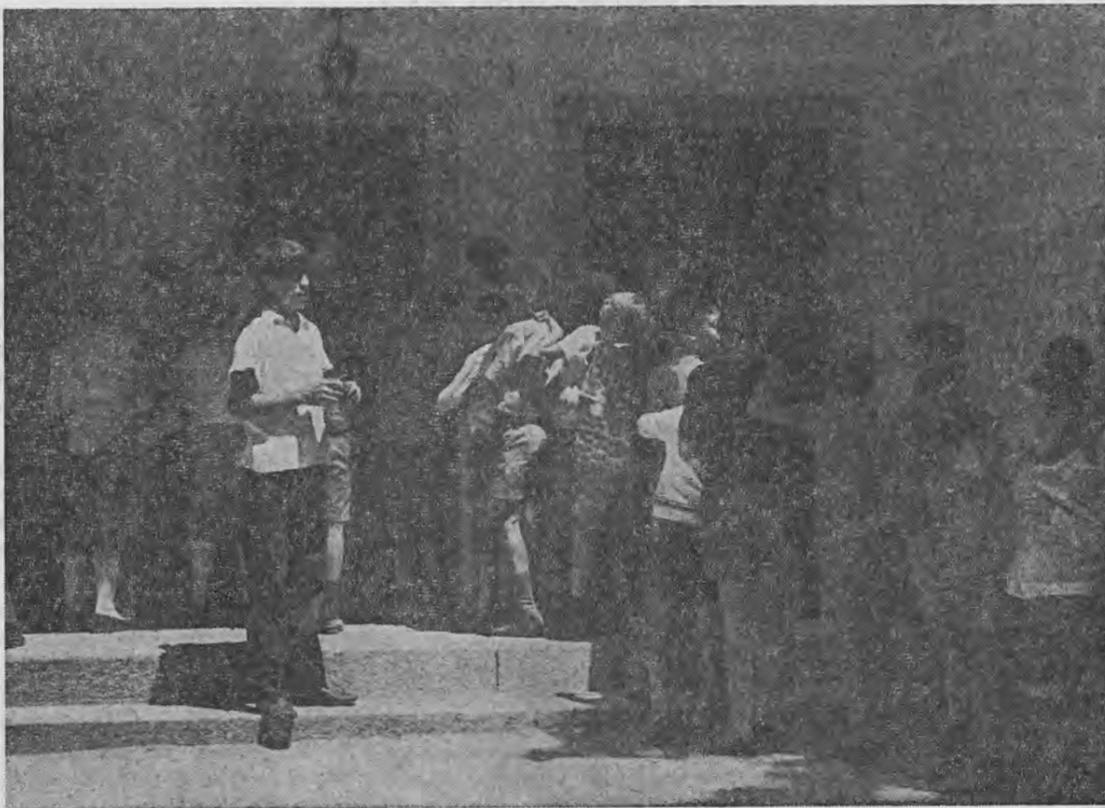
Que bom se os homens fraternalmente dialogassem e resolvessem os problemas... Criminosos, quando em vez — geram o caos.

Ou serão o ferro, o petróleo e os diamantes a comandarem em corredores subterrâneos?

Multidões de nativos fogem todos os dias de Luanda porque não querem a guerra nem a violência... Milhares de famílias brancas vivem com medo ou incerteza porque também não... Que vagalhão misterioso e fatídico nos arrasta?

E no coração de todos há lugar para o amor! Se alguém foi injusto para os irmãos, que seja chamado a reparar. Mesmo quando fere, a Justiça é humana e digna.

Padre Telmo



Paço de Sousa — Antes da hora do banho na piscina, forma-se a bicha para os calções, à porta da rouparia.

UMA CARTA

«Sou um apaixonado por tudo que seja de ler e, casualmente, há dias, encontrei num cesto de papéis «O Gaiato».

Tive pena e comecei a pensar porque é que há pessoas que deitam fora o jornal. Ainda hoje vi um menino negro com outro na mão, «desses meninos que se penduram nos tambores do lixo procurando a cama nalguma caixa de papelão».

Comecei a pensar — dizia eu — e descobri alguma coisa.

Apeteceu-me sugerir uma revolução total no jornal, mas... — quem sou eu? Perdão; mas não deixarei de dizer o seguinte: «A plenitude do amor do Próximo consiste apenas em ser capaz de lhe perguntar: qual é o teu tormento?» Isto vem n.º «O Gaiato» de 6/7/74. Continua: «... é saber que o infeliz existe, não como uma unidade numa colecção, não como um exemplar de categoria social etiquetada de infelizes»... O sublinhado é meu.

Ora concordando em absoluto com a verdade destas palavras e, estando convencido que o jornal também está concordando porque as publicou, eu não compreendo porquê ele, jornal, coloca em caixa RETALHOS DE VIDA. Que ganha com isso o «Rouxinol»? Um complexo de superioridade? Perdão, talvez eu esteja errado... Mas não se serviria melhor o Artur se, em vez de assinar a sua vida, assinasse

HABITAÇÃO — Problema primeiro

Notícia lida neste meio de Agosto, confirma que «Habitantes da Curreleira aguardam realojamento».

«A população tem-se mostrado particularmente activa e interessada na resolução dos seus problemas». Foi eleita uma comissão de 11 elementos. Há já vários contactos de trabalho.

É uma ideia em marcha. Oxalá um breve começo de realização, a dar esperança e a incentivar a transmutação de todas as «Curreleiras» em lugares de habitação humana.

Voltamos, pois, ao despacho governamental a que nos referíamos no derradeiro artigo sob a mesma epígrafe, a que desejamos com muito empenho o melhor sucesso.

O problema depende de muitos. Oxalá nenhuma das entidades chamadas a complementar o programa de acção falte com a sua parte, ou lhe faltem os meios indispensáveis ao desempenho do seu papel.

Assim, «como princípio geral», às autarquias locais competem «os trabalhos de infra-estrutura viária e sanitária, que constituem base essencial das operações», bem como «a disponibilidade dos terrenos para a urbanização».

Pelo País além — que não só nas grandes urbes — tem sido este problema do terreno um obstáculo fundamental, até agora, em muitos lugares, intransponível. Ainda há dias em freguesia do Alto Douro se me lamentava o Pároco desta dificuldade: «Não há um pedaço de terra que não esteja a vinha, nem se consegue quem venda uns metros para implantar uma casa».

Noutras terras, grandes senhorios não precisam de vender nem se dispõem a tal. E em algumas há mesmo a mentalidade generalizada de que vender terreno (e até uma árvore!) é um desprestígio e uma traição ao nome da família que, em outros tempos, juntou aquele património. Conceitos em que se fará um esforço livre de evolução... — ou terá mesmo de se evoluir forçadamente.

Também conhecemos casos admiráveis de desapego e de disponibilidade — excepção que toda a regra comporta.

Outra dificuldade: uma disposição legal, com cerca de 1 ano, que nas zonas rurais impede o fraccionamento da propriedade. Compreendo a intenção do legislador: visava-se o parcelamento da propriedade rústica onde ela é já de dimensão insuficiente para uma exploração agrícola rentável. Mas também se não podia pensar que numa aldeia qualquer, surgisse o empresário preparado para «urbanizações» com todo o peso das infraestruturas indispensáveis a seu cargo. E, se surgisse, estas seriam de tipo comercial, fora do poder de compra da grande maioria, que via consumidas no terreno todas as economias longa e sacrificadamente amealhadas.

É aqui um campo a explorar; uma mentalização cooperativista que, seria-

Cont. na QUARTA página

Cont. na TERCEIRA página

PELAS CASAS DO GAÍATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A IGREJA DOS POBRES — «A Igreja dos Pobres não é aquela que fala deles e que exalta a sua dignidade; é aquela que sofre com eles e que participa sem ambiguidades na sua luta.

Mas, para que a Igreja esteja verdadeiramente ao lado dos Pobres, é necessário que um número crescente de cristãos sinta a miséria dos seus irmãos como um problema pessoal, como o seu problema. Mais uma vez, não podemos colocar-nos perante os Pobres sem pormos em causa a nossa própria vida, como também se não pode hoje definir o sentido da própria vida sem se colocar em relação aos Pobres. Quer queiramos quer não, são eles que nos julgarão; são eles que nos julgam...» (P. Girardi)

● «É UM CONSOLO!» — Era um domingo quente, de Agosto. Íamos ao café, por uma garrafa d'águas.

Da outra porta — onde servem comidas — safa um Pobre. Camisa desabertada, risonho, face avermelhada. Acabara de almoçar.

— Venha tomar um café.
— Muito obrigado. Não m'apetece. Bebi e comi bem, graças a Deus.

— P'ra onde vai?
— P'ra casa...

Encostámo-nos à parede. A estrada regorgita de carros. O café, de clientes. Ali, ninguém nos incomodava! E falámos, falámos — das nossas vidas.

Ele já não é aquele marginal d'outrora. Já não rouba, nem incomoda — por necessidade. Já não foge. Nem baixa a cabeça — escondendo a cara, dantes macilenta.

— Olhe qu'até ganho forças p'ra ir a Penafiel a pé! Assim, não gasto dinheiro na viagem... E, quando posso, vou lá trabalhar no jardim... Tira o sapato.

— Não faça isso, aqui! Descalça a meia!!
— Está a ver os calos...?

Entretanto, fumámos um cigarro. Somos, ambos, viciados!

— Isto (almoço e jantar) fica caro. Fica. Eu sei que fica (750\$00 por mês). Mas é um consolo!

A cara o diz. A disposição, também, deixou de ser farrapo! Agora, é um homem integrado no meio. Abanca à mesma mesa do viajante, do petisqueiro, do camionista. A mais democrática de todas. «É um consolo!»

RECEBEMOS — Para compensar quanto distribuímos às mãos cheias,

TRANSPORTADO NOS AVIOES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Página 2 14/9/74

eis uma presença constante, diria indispensável: «Num Portugal mais cristão e mais fraterno a minha partilha de 600\$00 para os irmãos da Conferência. Uma assinante do Seixal».

Agora, do Entroncamento: «Envio esta lembrança (100\$00) para a Conferência, por alma de Maria...». Outro sufrágio: «Para ajuda das despesas com os irmãos socorridos pela vossa Conferência Vicentina e por alma de minha Mãe, que o Senhor chamou há dias, junto 100\$00... Uma portuense qualquer».

Mais 50\$00 de Vila Nova de Gaia. Mais 250\$00 de M. Antonieta: «Desculpe a maçada de repartir este pouco em quatro migalhas, mas não é possível enviar mais...». Ó delicadeza! Mais 100\$00, entregues no Espelho da Moda, com uma intenção: «Rezaí um Pai-Nosso pela conversão dos meus filhos». O dobro, de M. Pelicano, «para ajuda de quem precisar, em acção de graças por o trabalho que Deus me tem dado». E mais 50\$00 de «Zé ninguém»: «Na véspera da partida para férias, que bem necessitam delas, os nossos 70 anos já nos pesam bastante, mas graças ao bom Deus e também ao nosso querido Pai Américo vamos podendo aparecer-vos de quando em quando, não tantas vezes como queríamos e devíamos, mas desculpa». O mesmo da assinante 28053.

É tudo. Para todos, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTO — Casou-se, no dia 25 do passado mês, o nosso Manuel Rosa que foi de Paço de Sousa e actualmente vive em Moçambique.

Foi em Romariz, (Vila da Feira) terra natal da esposa, onde foi celebrado o acto matrimonial e Missa. Tudo decorreu simples. Teve como celebrante o nosso Pe. Abraão.

Apesar de já alguns anos viver em Moçambique, a amizade de antigos colegas de vida, não se fez esmorecer no diário da vida do Manuel Rosa.

Foram convidados alguns rapazes e casais obreiros.

A hora da partida estava marcada para as 10 horas. Partiu-se às 10,30 h. Rapazes satisfeitos e cumpridores do convite, não deixaram de aparecer

E os nossos casais? Nenhum! Não; apenas um, mas desposado devido à obrigação de condutor da nossa carrinha, onde viajamos. Se assim não fosse, nem esse estaria presente.

Houve compromissos e afinal de contas faltaram todos. Partiu-se tarde e outros rapazes ocuparam as vagas deixadas. E os nossos casados prematuramente se ocuparam e desculparam (?).

Depois da celebração, houve os respectivos «flashs» para a pose dos noivos e convidados.

Em seguida tivemos a boda. Nada de pomposidade. Tudo simples, alegre. Houve discursos sólidos de conselho aos noivos.

A alegria perdurou. Chegou a hora da partida. Despedidas e desejos de felicidades.

Uma vez mais desejamos aos noivos muitas felicidades e um futuro próspero.

António Tinoco

FÉRIAS — Este ano, as férias em Azurara, foram um pouco longas para uns e são o mesmo tempo para outros. Ou seja, o primeiro e o segundo turno passaram mais uma semana, enquanto os outros que se seguem passam simplesmente os seus 15 dias. O terceiro turno já foi e já chegou, dando lugar ao quarto, que é o penúltimo.

Esperamos que nestes dois turnos que faltam, não aconteça aquilo que aconteceu no terceiro (coisas que os leitores souberam no número anterior).

Esteve cá a passar férias o nosso motorista da Casa do Gaíato do Tojal, Abel.

No dia 26 partiram para Lisboa 6 dos seus 8 filhos, acompanhados de sua esposa. No dia seguinte, seguiu este e os restantes filhos.

Que as férias tenham sido proveitosas são os nossos desejos.

OBRAS — As obras no sapateiro continuam lentamente, mas agora, mais do que nunca, devido aos trolhas estarem em férias.

Esperamos que quando eles regressarem venham cheios de vontade para retomarem um trabalho já iniciado.

PISCINA — Continuam, dia após dia, os banhos na nossa airosa



A Casa da Mata, mesmo sem o típico telhado de colmo — hoje luxo insustentável — continua mansão acolhedora e repousante, para alguns dos nossos casais em férias.

piscina. O pior é que quando estão passadas cerca de três semanas após a última lavadela, temos de esperar durante 3 dias para recomeçarmos novamente a tomar banho. Mas, paciência, temos que cuidar da nossa saúde e, para isso, é preciso tomar variadas decisões, em especial, mudar a água.

Morgado

Crónica de AZURARA

Mais uma vez, fui o sub-responsável pelos rapazes do 3.º turno, que são os que estão mais sob a

minha responsabilidade, cá em casa. A opinião geral da malta, é positiva.

No que eles mais pensaram, foi em comer um bocadinho melhor e em toda a espécie de divertimentos' como jogar à bola, tomar banho, etc.

Durante a nossa estadia na praia, travámos amizade com um casal que vinha quase todas as tardes e com eles praticávamos atletismo e outros desportos.

Arranjámos um cãozinho que era o nosso «mascote» e com ele fazíamos grandes tropelias. Outros, naturalmente, deram para a pesca das enguias; outros ainda para tostar ao sol.

A rapaziada portou-se bem, mas poderia corresponder melhor.

Aqui fica, amigos leitores, o resumo de mais um turno de praias.

«Coradinho»

Correspondência de Família

«Bom! amigo:

Palavra que sempre gosto de proferir ou escrever, porque verdadeira, em hora tão conturbada, em que todos os homens se agitam e as estruturas estremeçam, prevendo-se o ruir de algumas em breve lapso de tempo. Meditemos, falemos menos e trabalhemos melhor e mais conscientemente. Assim entendo o Movimento de 25 de Abril na pureza original.

Recebi a carta onde anunciava férias. Oxalá lhe temperem as energias, lhe adocem o espírito e lhe dourem o coração, que antevejo um tudo-nada encanecido. As naturais vicissitudes, as dificuldades do próprio mundo. As intemperanças sociais. Os homens que agonizam em antros e tugúrios. As incompreensões que semeiam a erosão, com os abismos espreitando de todo o lado. Que o seu descanso seja, pois, de merecida paz, com aquela doçura

que só os homens justos sabem gozar.

Zé e Matilde mandam muitas saudades. Tomás, esposa e prole na mesma. Eu, continuo sofrendo os meus pecados. O Quim, muito naturalmente, unido nos mesmos votos. Costumo vê-lo aos domingos, no café. A família do Infulene cresce e progride em idade e sabedoria. As dificuldades, normais e naturais, fazem parte das contas do Rosário.

Moçambique, todo ferido, todo estigmado, baloiça, pretende ensaiar os primeiros e titubeantes passos. Oxalá que o mar seja chão e não apareçam alterosas ondas.

Spínola disse que estava preparado. Necessário se torna que nós — todos — o estejamos também. A mim, me parece que estamos mais preocupados em sintonizar a Rádio estrangeira, o que se faz na O. U. A., o que se fala e faz

em Pretória, o que se diz do Watergate, o que espalha a imprensa estrangeira, do que o que tem de passar-se aqui. Se estamos todos metidos no xadrez daqui, façamo-nos cada qual uma peça do mesmo. E, se a partida é difícil, entremos na preparação da partida, cada peça no seu lugar, para o começar da pugna. Nunca foi tão caro o tempo. Nunca teve tanta importância todo o homem. Tudo o que se faça tem de convergir no sentido do mesmo. E, também, estou crente que nunca foi tão inútil como agora, o jogo das palavras. É demasiado perigoso porque, a maior parte das vezes, esconde intenções. Só com obras — obras válidas, se devem julgar as coisas e as acções. As utopias só interessam ao anarquismo; e a desordem é o coração deste. A virtude continua no meio...

Daniel»

Aqui, Lisboa!

Temo-lo dito e redito nestas colunas: fora dum ambiente natural, e mesmo aqui a funcionar em pleno, não é possível pretender o preenchimento das carências afectivas das crianças, que hão-de condicionar o seu comportamento futuro. Uma instituição, seja qual for e por melhor que trabalhe, será sempre um mal menor no contexto da vida. Não admira, pois, que a Família seja o alvo número um de todas as doutrinas dissolventes ou anarquizantes, em ordem a criar o caos, pela destruição de todos os elos que a unem e lhe são inerentes.

Há cerca de um mês, um Pai de sete filhos, homem de meia idade e que, à custa de muito trabalho e suor, tem procurado, na companhia da Esposa devotada, educar os frutos do seu amor no caminho da honra e dos valores cristãos, queixava-se amargamente, quase de lágrimas nos olhos, do comportamento de seu filho mais novo, de 19 anos, a frequentar o 2.º ano de determinado curso médio. Os pais os mesmos, o ambiente igual e os resultados diferentes. Se assim é em meios não demitidos ainda, o que será de esperar noutras circunstâncias, onde os laços naturais impressos pelo sangue nem sequer existem?

Trata-se, na verdade, de algo que podemos confessar de dia-

bólico, em ordem à destruição de célula vital de qualquer sociedade equilibrada, assente na liberdade, na justiça e no amor.

E que queremos concluir com tudo isto? Em primeiro lugar a necessidade de viver em pleno as responsabilidades fa-

miliares, em desvelo, em sacrifício e em atenção. Um filho não é um objecto e há que procurar ajudá-lo a ser adulto, pelo exemplo e pela entrega total dos pais, sem absorções exageradas nem transigências fáceis. Em segundo lugar que as Casas do Gaiato,

ou similares, só devem ser procuradas em situações extremas de abandono, de incapacidade manifesta dos progenitores ou em situações equivalentes. Em apontamento, e como consequência da infeliz necessidade de casas como as nossas, a premência de haver pessoas dedicadas, de alma e coração, em mergulho total, para fazer frente aos problemas e carências dos que até nós chegam. Quem quer vir?

Padre Luiz



Uma Carta

CONT. DA PRIMEIRA PÁG.

um conto, um poema, um desenho? Talvez com iniciativas dessas «O Gaiato» tivesse algo que ler...

Senhor padre, espero que não leve a mal este desabafo. Agradeço que me considerasse vosso amigo sincero. Brevemente — agora estou desempregado — enviarei uma oferta para os rapazes e procederei à minha inscrição como assinante, se me for dada essa honra.»

Vem de Lourenço Marques, de um jovem, «este desabafo», que levo, até, muito a bem! A intenção: «Agradeço que me considerasse vosso amigo sincero»; a

iniciativa de exprimir a sua reacção, de sugerir...; a «pena» por «encontrar «O Gaiato» num cesto de papéis» — são fundamentos muito positivos que nos compen-sam e animam.

Simplemente se o nosso correspondente é «um apaixonado por tudo aquilo que seja de ler», não quererá, certamente, que «tudo» se reduza a um único género; pelo contrário, estimará a diversidade. E «O Gaiato» é mesmo diverso: único apenas no seu género. Podem um conto, um desenho, um poema ter lugar nas suas páginas. Mas só por acidente. Porque a vida é, justamente, o que o caracteriza essencialmente: o seu tema, sempre novo. Não é um jornal de evasão, mas de encontro — de encontro com os Homens, com quanto os atormenta, sabendo que, por não ser o homem «uma unidade numa colecção», a dor

de cada um, ainda que objectivamente semelhante, é pessoalmente sofrida de modo diferente.

É por isso que o «Rouxinol» (todos os «Rouxinóis» que são a razão de ser d'«O Gaiato») não escreve histórias, mas a sua história. Escreve como ele a sente, como ele a vive; escreve sem complexo nenhum, antes com a simplicidade de quem profere um testemunho de contribuição para a maior Verdade, para a melhor Justiça, que hão-de vertebrar uma ordem social mais sã.

«Que ganha com isso o «Rouxinol»?... Pois não é ele quem ganha mais, nem mais imediatamente! Somos nós, por muitos títulos e pergaminhos que tenhamos, ao receber esta lição de vida de um adolescente, que comunica a sua queixa e espera a nossa resposta, para que não venha um dia, ele também, a pisar caminhos alienantes.

Pois «O Gaiato» aí vai, meu Amigo, mesmo sem imediata retribuição monetária, que será sempre oportuna. Esperamos que, com o uso, mesmo sem contos, nem poemas, nem desenhos, há-de encontrar no jornal muito que ler.

RETALHOS DE VIDA

O Ganhão



Sou natural de Lisboa, mas hoje encontro-me na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Chamo-me João Manuel Lourenço Ganhão, mas sou conhecido nesta casa unicamente por Ganhão.

Agora, vou contar tudo o que sei da minha vida até hoje: Quando tinha 6 anos, morreu minha mãe e meu pai foi para Macau.

Fiquei em casa da minha avó, mas, como ela era pobre, não me podia sustentar e meteu-me na Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Minha mãe morreu com um cancro pulmonar.

Meu pai era muito mau e foi por isso que a minha irmã se separou dele aos 15 anos. Ele, praticamente, nunca quis saber de mim! Na minha vida, até hoje, escreveu-me duas vezes e veio-me visitar uma vez.

De toda a minha família só a minha irmã é que me escreve. Esta separou-se de mim quando eu tinha 6 anos e ela 7.

Estive nove anos sem ver ninguém da minha família; já parecia que ninguém queria saber de mim.

Estou nesta Casa do Gaiato há nove anos e não estou mal. Agora, estou trabalhando e estudando. Tenho 14 anos e fiz o 2.º ano do Ciclo Preparatório T V.

Sou vendedor de «O Gaiato», em Espinho; todos vós já deveis conhecer este jornal que é vendido por nós em toda a parte do País. Como, entretanto, vou para o Porto estudar, tenho pena de deixar os meus grandes amigos de Espinho, os meus clientes, os assinantes conhecidos, etc. Mas tem que ser.

Não tenho mais nada a dizer sobre esta crónica que fiz. Despeço-me dos nossos Leitores, enviando-lhes um grande abraço do vosso grande amigo

João Manuel Lourenço Ganhão

LOURENÇO MARQUES

Muitos dos nossos amigos, embora desejando o melhor para Moçambique, renunciaram às vicissitudes que a independência inevitavelmente acarreta e foram-se daqui, deixando-me as suas lembranças.

Lamentamos, não só pelo que toca de menor apoio a esta Casa e, sobretudo, de amizades preciosas, no partilhar as esperanças nos rapazes e até desilusões e angústias, mas também pela sua validade em formação social e técnica que, somada à de muitos outros, lançam na quase invalidez este país nascente.

Alimentamos, por é, a Fé e a Esperança de que os Amigos que decidiram por Moçambique continuem ao nosso lado e façam nascer noutros o amor que nos dedicam.

A Obra tem de continuar. Mesmo que a nova estrutura social e política implique caminhos jurídicos diferentes, há-de situar neles, com justiça, a criança abandonada ou em perigo moral, como tanto temos ansiado. Então sim, pode-

remos trabalhar em segurança e protegidos por leis que esperamos ver nascer do coração e inteligência dos responsáveis.

Até aqui em nada esmorecemos. Brevemente começaremos a ocupar a casa 2 onde vinte e seis leitos estão à espera de colchões e o mais, para que outros tantos rapazes possam repousar numa cama decente. No sector de formação profissional estamos a ultimar um armazém para madeiras, pois que a actual oficina passará a carpintaria e marcenaria. Os pedreiros estão a levantar outra para serralharia civil e mecânica. Andam nas paredes. Logo que possível subirá a estrutura metálica que os serralheiros deram pronta e os mais pequenos têm quase pintada. Aguardamos notícia para a aquisição do lusálite que ronda os cem contos. Pedimos orçamento para um compressor de grande potência a fim de dotar todas as oficinas de ferramentas pneumáticas. A instalação eléctrica é outro elemento de grande preço a con-

NOTA da Quinzena

«Toupeira» sobe ao primeiro andar e transmite o recado — Venha cá, se faz favor. Está lá em baixo um homem que precisa de lhe falar...

— Vou já.

Desço. É um homem de meia idade, precocemente envelhecido. Reside onde nasceu: na cintura mais proletária da povoação.

Traz na mão um sobrescrito oficial. E saca de lá um inquérito.

— Desculpe. Estou farto de dar voltas e não consigo preencher isto...!

Bastou ver o sobrescrito; abrir o inquérito. Situámo-nos logo no âmago do problema, diria, problemas.

Demos uma vista d'olhos pelo impresso — que os ventos da história ainda não simplificaram. Exigências que escandalizam, justamente, os Trabalhadores.

Mais um inválido!

— Tenho um mal na espinha. Não posso trabalhar. E pedi a reforma...

— Você já leu o papel?

Ele baixa os olhos... Não insistimos. Bulimos nas feridas!

O inquérito é uma bisbilhotice à americana; a modos de investigação policial à notação familiar e profissional do beneficiário. Mas, ó ironia!, parte substancial do documento são dados pessoais já existentes nas Caixas — que devem ser confirmados pela entidade patronal! Na mesma linha de ne-

Continua na QUARTA página

siderar na altura devida, pois temos longo e moroso caminho à nossa frente.

O trabalho na Aldeia foi entrecortado pela necessidade de renovar a vivenda que nos serviu de berço nos primeiros cinco anos e agora, em parte, adaptado a residência de mais um casal colaborador: Américo e Maria do Céu.

Será em 21 de Setembro, pelas 11 horas o seu casamento no nosso anfiteatro. Para o acontecimento, que é dia grande para esta Casa, convidamos os nossos amigos. É mais um a partilhar das «nossas alegrias e esperanças, as nossas tristezas e angústias».

Padre José Maria



A mensalidade de 100\$, em selos de correio, vindos da Amadora. «O prometido dos Avós de Sintra.» Dum aumento de ordenado, 720\$. Mais uma cota mensal, de 100\$, do Porto. «Dando graças a Deus, pela formatura do nosso filho, envio uma «pílula» de 500\$.» Veio de Tondela este «medicamento»! 50\$ de um grupo de Amigos do Instituto de Biologia Marítima. E 150\$ da Covilhã. Maria Angelina, com 50\$, entregues pelo Américo. De Avelar, «500\$ para uma pequeníssima parte das vossas coisas. São do Leças, do Tonecas, da Rosarinho, da mamã e até do papá».

Avó de Tondela dá graças a Deus pelo nascimento dum neto e envia 100\$. Vale de 200\$. Por alma de Alexandrina, 10\$. De José e Clara Flores, 60\$. Roupas da assinante 791, das Caldas da Rainha. E dizemos que sim, pode mandar. Várias presenças, da rua António Cardoso. Em sufrágio de Ana da Conceição, 45\$. Para «Avó antiga», o recado de que tudo chegou bem. «Mais umas coisinhas» de uma Mãe Alentejana. O envelope silencioso de Valadares, com 300\$. Para aquela senhora que, com sacrifício, junta papel velho, para reverter a nosso favor, um bem haja e a informação da certeza que recebemos. Amélia, com 30\$, numa promessa a Pai Américo.

Mais 10.070\$40, recolhidos da caixa-mealheiro, do busto de Pai Américo, que se encontra no átrio do Teatro Sá da Bandeira. E com esse dinheiro vem sempre a muita amizade, da boa gente daquele Teatro.

Assinante 22587, da Amadora, com 1.100\$. De Carlos, Maria José e Terezinha, 50\$. Bons livros e belíssimas revistas de arte, de S. João do Estoril. Senhora de Barros Lima, as migalhas do costume. Assinante 16264 e Marido, com 330\$. De Lisboa-1, 100\$. Alcobaça com 50\$. Por uma graça obtida, cheque de mil. Mais de Agueda, «Obra de Deus — para os Po-

Do que nós necessitamos

bres», 50\$ mais 50\$. A nossa «recoveira» do Bairro da Pasteleira enviou 400\$.

Um vale de 100\$, «em memória de alguém que muito amei e fez 33 anos que Deus chamou». Ângela com 500\$. Do primeiro ordenado, 607\$ de Maria Adriana. Por alma de Manuel, 300\$. Carolina com 50\$. «Uma Mãe», com 100\$, pedindo uma Avé-Maria. De

Avintes, 50\$. Presenças de Fernanda, com 50\$, 40\$ e 50\$. Da Secretaria da Telefónica, 102\$50. Assinante de Rio Tinto, com os habituais e mensais 100\$. «Pelo regresso do meu filho do Ultramar», 50\$. Roupas da assinante 27134. Anónima do Bairro Fernandes de Magalhães, 100\$. Por alma de Valentim, 100\$. «M. M. recebemos.» Em sufrágio de Eduardo José Lagoa

da Fonseca, 150\$. E a certeza de que por todos vós e pelos vossos mortos, erguemos as mãos ao Senhor da Vida.

Donativos vários, que nos foram chegando, para atender ao pedido dos nossos roupeiros. 100\$ do Porto. M. V. com 100\$. Mais duas vezes 100\$ de algures. Assinante 8644, com 50\$. De Castelo Branco, 20\$. Dum simpático casal, 500\$. Um

cheque de 6.000\$, do Porto. 50\$ de Lisboa. E 100\$ da rua Alexandre Herculano, Lisboa.

«Uma Mãe e duas filhas», com 1.700\$, referentes a aumentos de ordenados e percentagem de subsídios de férias. Mais um cheque de 10 contos, da Av. Brasil, de pessoa que todos os anos aparece com muita alegria.

Um grupo de máquinas, próprias para cartonagem, chegadas do Porto, de mando de Senhora amiga. Roupas da assinante 25616. Mais vestuário de Lisboa, do assinante 9996, pedindo orações. E o que nos chega do Espelho da Moda, sempre que por lá passamos.

E mais nada.

A nossa gratidão por tudo.

Manuel Pinto

Novos Assinantes de «O Gaiato»

● VISITANTES

Durante o mês de Agosto, particularmente em dias úteis, vieram até nós muitos visitantes, acompanhados do nosso cicrone de serviço.

Apresentam-se em grupo; famílias com o seu rancho; aos pares — ele e ela. Perguntam. Querem saber da nossa vida. Quando não, batem à porta só por via do Jornal.

Não há dúvida, a máquina de impressão de «O Gaiato», a despachar jornais, cativa; uma volta pelas dependências da nossa Aldeia, também; mas, às vezes, o entusiasmo da companhia de alguns Assinantes da velha guarda é fogo que queima!

— V. já é...?

— Não. Compro-o aos Gaiatos. Mas é melhor increver-me como assinante...

Há os que se enamoram dos livros de Pai Américo. São muitos. E, alguns, além de adquirirem uma ou outra obra — ou todas as que temos à mão — decidem-se, também, pelo compromisso da assinatura com a nossa Editorial!

● CORREIO DOS LEITORES

Aquele postal de Lisboa — Trav. do Poço da Cidade — revela a imagem generalizada dos que não esperam que amigos ou familiares beneficiem de um milagre. Vão ao encontro deles! Conversam. Opinam. E a deci-

são chega na hora própria: «É com prazer que venho propor mais um novo Assinante para «O Gaiato»...» Estoutra Leitora, também da capital, na mesma: «É um colega que pede para ser assinante...».

Não esquecemos, tampouco, o activismo de um Capitão das Forças Armadas, residente em Aveiro, que faz de «O Gaiato» a sua bandeira da Paz e transmite o resultado da sua acção: novos Leitores.

Entre o correio, temos, ainda, uma carta de Viseu. Eis um resumo:

«O Jornal que recebo, como assinante, envio-o depois de lido a uma sobrinha... Se ela quiser ler «O Gaiato» e não teimar em ser cega, muito o nosso Jornal lhe poderá ensinar. Que pena que este periódico não seja mais lido e conhecido! Ele poderia ser guia dos que pretendem acertar no caminho certo...»

Mande-me, por favor, o n.º 794 e tenham coragem para dizer as verdades, como desde sempre, doa a quem doer.»

● PELO MUNDO LUSÍADA

Do continente, registámos presenças de Melres (Gondomar), Viseu, Ermesinde, Praia de Valadares (Gaia), Aveiro, Valongo, Porto e Lisboa. Como é natural, as duas últimas cidades bem representadas!

Apesar das naturais convulsões e dores de parto, as terras do Ultramar comparecem com o entusiasmo de sempre! À nossa frente passa Angola: Dondo, Andrada, Luanda, Malanje, Benguela, mais do que uma vez. Agora, Moçambique: Matola, e Lourenço Marques — de onde recebemos uma sugestão:

«Falem no nosso Jornal sobre a necessidade que todos temos de nos unirmos e amarmos a fim de construirmos um Portugal melhor. É preciso que termine o ódio entre os portugueses... Quanto eu gostava de ver mais ordem, mais trabalho e mais compreensão entre todos nós!»

É tudo.

Júlio Mendes

NOTA da Quinzena

Cont. da TERCEIRA página

gócio de papelaria — de que somos férteis — é obrigatória a remessa de uma certidão de nascimento, narrativa simples ou completa (conforme os casos) que, logicamente, é uma desconfiança oficial à honorabilidade do bilhete de identidade e dos próprios dados registados nos competentes serviços — do Seguro Social ao Registo Civil!

Esclarecemos o pobre homem na dura caminhada **empatocrática**: Primeiro, certidão; segundo, preenchimento do inquérito; terceiro, informação e chancela patronal; quarto, expedição dos documentos — sob registo para evitar descaminho; quinto, aguardar mais exigências dos excelentíssimos burocratas, até possuírem todas as segundas vias e mais uma..., que surgem a cada passo, para o salário do Trabalhador manter funcionários encarregados de encostar ou arrumar papéis na torre do tomo da repartição!...

Um problema.

Outro, talvez mais doloroso: o analfabetismo de grande parte da população — quanto mais rural, pior! Grave mancha de que temos de nos limpar. Como? Proporcionar aos mais pobres quanto necessitarem. (As vezes batem-nos à porta: — Ajudem-me...! E o pai que não aguenta a sobrecarga material dos livros; a mãe muito menos. São eles que desanimam — porque não podem — e, naturalmente, desleixam a escolaridade dos filhos, que se agarram precocemente às oito horas de trabalho.) Fazer da escola uma obrigação, de facto; já é de direito... Finalmente, encarar as crianças não como robots ou mercadoria..., graduadas do zero ao vinte, mas como são — sem as complexar.

Aonde a gente iria, meu Deus!

Júlio Mendes

HABITAÇÃO

— Problema primeiro

Cont. da PRIMEIRA página

mente apoiada pelas autarquias locais, possa transformar a «louca» empresa individual da construção de uma casa, numa realidade acessível a quem se disponha abertamente a trabalhar em grupo.

Somos muito individualistas, muito desconfiados. As vezes com fundamento em alguns fracassos de trabalho em equipa de que se foi testemunha.



Mas há que não desanimar. Há sim que muito sinceramente nos convertermos.

Outro papel destinado às Câmaras Municipais: o controle urbanístico da localização dos interessados, designadamente na arbitragem das prioridades em face dos recursos disponíveis e na garantia dos empréstimos previstos na legislação.

Papel difícil, ingrato, a exigir muita isenção, muito espírito de justiça, muita liberdade de compatriotas da parte dos executores. Neste ponto, será mais fácil a acção nos grandes meios onde as cargas afectivas que podem comprometer a arbitragem são menores do que naqueles em que todos se conhecem, em que frequentes laços

de sangue ou ligações de amizade herdadas de velhas gerações se levantem a enevoar o critério justo.

Riscos que sempre acompanham todo o agir do homem, por melhor que sejam as intenções. Que ninguém espere maravilhas, mas que se não despreze o bom, lá porque o óptimo, neste mundo, não passa de um limite para que se deve tender, sem nunca se atingir.

Da nossa parte seguimos com muito interesse, mesmo com devoção, o desenrolar deste processo. Que o despacho se despache a justificar in re o que promete in verbo. Não se pode fazer tudo de uma vez; mas começar já para que os homens acreditem.